

XIII SARI



Entre ferros e madeiras: modernização da Marinha Brasileira na Batalha do Riachuelo (1865)

Between iron and wood: modernization of the
Brazilian Navy in the Battle of Riachuelo (1865)

Gabriela Graef Kuhn¹ 
Luana Jung Bressan¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

Resumo

O presente trabalho investiga de que forma as inovações nas tecnologias de guerra influenciam resultados finais, tomando como estudo de caso a Batalha Naval do Riachuelo, ocorrida nas águas do Rio Paraná, em 1865. O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma os avanços nas embarcações, como o casco de aço na frota brasileira, modificaram os rumos da guerra. A base teórica do trabalho compreende a teoria realista ofensiva, na qual o enfoque no poder naval é essencial para a modificação da distribuição de poder no conflito. A abordagem é indutiva, partindo de um premissa específica para atingir uma conjuntura geral, e a técnica de pesquisa é bibliográfica, fundamentada na análise crítica de leitura especializada. São utilizadas fontes primárias e secundárias, como diários de guerra, jornais, livros, artigos acadêmicos e relatórios, abordando diferentes visões sobre a Guerra do Paraguai e seus resultados. Verificou-se que os avanços tecnológicos da frota brasileira, como a introdução do casco de aço, confirmam a perspectiva da teoria realista ofensiva, ao demonstrar como a modernização do poder naval pode redefinir a correlação de forças em um conflito armado.

Palavras-chave: Marinha; Tecnologia de guerra; Guerra do Paraguai

Abstract

The present research investigates how innovations in war technologies influence final outcomes, using the Naval Battle of Riachuelo, fought in the waters of the Paraná River in 1865, as a case study. The general objective of the research is to understand how advances in watercraft, such as the adoption of steel hulls in the Brazilian fleet, altered the course of the war. The theoretical framework of the study is grounded in offensive realist theory, in which an emphasis on naval power is essential to changes in the distribution of power within a conflict. The methodological approach is inductive, proceeding from a specific premise to reach a broader generalization, and the research technique is bibliographical, based on the critical analysis of specialized literature. Primary and secondary sources are employed, including war diaries, newspapers, books, academic articles, and reports, which address different perspectives on the Paraguayan War and its results. The findings indicate that technological advancements in the Brazilian fleet, such as the introduction of steel hulls, support the perspective of offensive realist theory by demonstrating how the modernization of naval power can redefine the balance of forces in an armed conflict.

Keywords: Navy; War technology; Paraguayan War

INTRODUÇÃO

Segundo Mearsheimer, em “A Tragédia das Grandes Potências”, a anarquia do sistema internacional causada pela ausência de uma autoridade central e a insegurança gerada pela constante disputa entre os atores do sistema leva à maximização da capacidade tecnológica militar. Evidenciado pela teoria realista ofensiva, a pesquisa envolve-se em debater o impacto das inovações militares na Guerra do Paraguai, na qual os estados buscaram expandir seu poder relativo até alcançar a hegemonia regional, tornando-se decisivo para a mudança de rumo na disputa. Portanto, a análise da maior guerra da região sul americana se desdobra até os dias atuais, já que definiu fronteiras, tornando o Brasil como potência regional, e a reorganização da dinâmica estratégica do Prata.

O artigo investiga o papel da Marinha Brasileira durante a Guerra do Paraguai, com ênfase na Batalha Naval do Riachuelo (1865), buscando compreender como os avanços tecnológicos e estruturais da frota influenciaram o resultado do conflito. Assim, a metodologia adotada é o método indutivo, conforme descrito por Lakatos e Marconi (2003), que parte da análise de fatos particulares para a formulação de

conclusões gerais. Nesse sentido, o estudo realiza-se em três etapas: na primeira, ocorre a observação dos fenômenos, com a análise das batalhas e operações navais, desde os ataques às províncias de Mato Grosso e Corrientes até a passagem de Humaitá; na segunda, há a descoberta da relação entre eles, por meio da comparação entre as estratégias e os recursos técnicos das marinhas brasileiras e paraguaias; e, por fim, a generalização das relações, que evidencia a importância da modernização naval brasileira como elemento transformador da dinâmica bélica e política no espaço platino.

O problema de pesquisa que orienta esta investigação é: de que forma o advento de novas tecnologias de guerra - especificamente a introdução do casco de ferro e da propulsão a vapor - influenciou a vitória da Tríplice Aliança na Batalha do Riachuelo e os desdobramentos da Guerra do Paraguai? A análise fundamenta-se na teoria realista ofensiva, segundo a qual o poder militar é um instrumento essencial para a preservação e expansão do poder estatal. Sob essa ótica, o estudo propõe compreender como a modernização da Marinha Brasileira, aliada à sua superioridade organizacional, foi determinante para o êxito militar da Tríplice Aliança na Batalha do Riachuelo, evidenciando a influência das inovações tecnológicas sobre o resultado da Guerra do Paraguai.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, utilizando a técnica de revisão bibliográfica e análise documental de fontes primárias e secundárias, selecionadas de acordo com sua relevância temática e contribuição para a compreensão do processo histórico analisado. Desse modo, entre as fontes primárias, destacam-se documentos históricos, como as Memórias do Almirante Barão de Teffé (1864), jornais da época e descrições do conflito que, posteriormente, foram utilizadas para criação de quadros artísticos - as fontes foram coletadas em acervos do Arquivo Nacional Brasileiro, do Arquivo do Senado Federal e da Biblioteca Nacional do Paraguai. Entre as fontes secundárias, são utilizadas obras de referência como "Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai" (Doratioto, 2002), "A fronteira

platina: história e narrativa da Guerra da Tríplice Aliança” (Silva, 2023), “A Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha” (Almeida, 2014) e “A Evolução da engenharia naval no Brasil” (Bittencourt, 2009). O cruzamento dessas fontes possibilita uma leitura crítica, que combina evidências empíricas e interpretações teóricas sobre o desenvolvimento naval e o impacto das inovações tecnológicas no conflito.

O artigo, por fim, estrutura-se em três grandes eixos de análise, sendo o primeiro focado na discussão da formação e modernização das marinhas brasileira e paraguaia, apresentando o contexto histórico que antecedeu o conflito. O segundo, por sua vez, aborda o desenvolvimento da Guerra do Paraguai, com destaque para a Batalha do Riachuelo como ponto de inflexão estratégico que assegurou a superioridade naval da Tríplice Aliança. Ademais, o terceiro eixo examina os resultados e consequências do conflito, enfatizando a dimensão humana, política e militar, bem como o impacto da modernização naval no desfecho da Guerra do Paraguai e na consolidação da vitória da Tríplice Aliança.

DESENVOLVIMENTO

História de criação e desenvolvimento das Marinhas

Marinha Brasileira

Em primeiro plano, a formação da Marinha Brasileira remonta ao período colonial, quando o primeiro estaleiro em território nacional foi inaugurado pelo governador-geral D. Francisco de Souza, em meados do final do século XVI. Este, conhecido como “Ribeira das Naus de Salvador”, já funcionava desde 1549, quando Tomé de Souza trouxe ao Brasil um mestre, calafates, carpinteiros navais e um ferreiro, inaugurando a tradição construtiva naval do país (Bittencourt, 2009). Destaca-se a importância dessa herança portuguesa, que marca o início de uma estrutura naval voltada à defesa do litoral e à reparação de embarcações da metrópole.

Com a transferência da corte portuguesa, em 1808, para o Rio de Janeiro, no contexto das Guerras Napoleônicas, consolidou-se institucionalmente a Marinha do Brasil. Também, nesse mesmo ano, foi criada a Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, chefiada por D. João Rodrigues de Sá Melo Meneses, o Visconde de Anadia, que coordenava os arsenais e a administração naval (Almeida, 2014). O Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro, até então voltado principalmente à manutenção de embarcações, passou a exercer papel central no processo de modernização naval do Império. Nesse sentido, o Vice-Almirante da Marinha Bittencourt destaca, sobre o Arsenal da Corte:

Esse arsenal construiu apenas uma nau (navio de linha), no século XVIII, a São Sebastião, e dedicou-se principalmente à reparação naval, após a chegada da corte portuguesa, em 1808. Ele, porém, ganhou importância crescente a partir da Independência, inicialmente por estar o Arsenal da Bahia nas mãos dos portugueses e por ser o Arsenal da Corte na capital do Império (Bittencourt, 2009, p. 74).

Entende-se que as reformas administrativas e estruturais da Marinha, ocorridas entre o período regencial e o Segundo Reinado, foram fundamentais para a consolidação de uma força naval moderna e organizada. A criação do Conselho Naval, pela Lei n.º 874, de 23 de agosto de 1856, representou um marco nesse processo, ao lado da própria Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e do Quartel General que, segundo Almeida, “formaram o tripé da administração da Marinha” (Almeida, 2014). Então, essa reformulação institucional expressou o fortalecimento do Estado imperial e a crescente importância das questões militares e logísticas no cenário regional do Prata.

Ademais, entre 1840 e 1865, a Marinha Brasileira passou por um intenso processo de modernização, impulsionado pela introdução do ferro e da propulsão a vapor na construção naval. Nesse contexto, o Vice-Almirante Bittencourt explica que “[...] dois principais estaleiros se modernizaram. Um foi o Arsenal de Marinha da Corte, no Rio de Janeiro, e o outro, o Estaleiro da Ponta d’Areia, em Niterói, este de capital privado,

controlado pelo futuro Visconde de Mauá.” (Bittencourt, 2009). Por fim, destacam-se as contribuições do engenheiro Napoleão Level, considerado “o maior engenheiro naval brasileiro de seu tempo”, responsável pela construção dos encouraçados utilizados na Guerra da Tríplice Aliança (Bittencourt, 2009).

Marinha Paraguaia

As origens da Marinha Paraguaia, segundo o *site* das forças navais, datam do período pré-colonial: os povos Guaranis utilizavam de embarcações para se locomover no país, uma vez que a geografia do local com o Rio Paraguai, Paraná e afluentes os condicionava a dominar a navegação fluvial. Ainda, com a colonização espanhola há um desenvolvimento nas embarcações, mas com o predomínio da produção realizada com materiais locais e pela mão de obra dos próprios nativos da região. Na época, os movimentos contra o governo central espanhol impulsionados pelos jesuítas marcaram a construção da primeira caravela em Assunção, nomeada “*Comuneros*”, símbolo da autonomia das cidades, chamadas de comunas, perante o governo espanhol.

Nesse cenário, avança-se no tempo sem muita progressão da frota náutica, porém no governo de Carlos Antonio López, de 1844 à 1862, são enviados diversos paraguaios para estudar na Europa em busca de modernizar a marinha. Assim, os primeiros navios da república foram navios a vapor como o “*Tacuary*”, construído na Inglaterra, que em muitas batalhas foi o único navio de guerra entre os demais navios mercadores que foram armados para a guerra. Simultaneamente, destaca-se a compra, também da Inglaterra, da corveta “*Paraguari*” que apesar de inicialmente ter tido como fins o transporte de passageiros com o começo dos conflitos na região foi incorporada à frota com quatro canhões, sendo peça fundamental para muitas batalhas da Guerra do Paraguai devido seu casco de aço (Paolini; Rojas, 2020).

Apesar de que a marinha paraguaia possuía na época somente o navio da capitania, “*Tacuarí*”, e a corveta de aço, “*Paraguari*”, com cascos de aço, em seu livro, Doratioto evidência um avanço construído secretamente antes da guerra: “Os navios

paraguaios rebocavam seis chatas, até então desconhecidas dos aliados, pois foram construídas secretamente dois ou três anos antes da eclosão da guerra” (Doratioto, 2002, p.146). As chatas, embarcações pequenas que não possuíam qualquer mecanismo de propulsão e carregavam um canhão, eram rebocadas pelos navios até os seus locais de atuação, nos quais por serem colocadas em águas de poucas profundidades impediam que os navios inimigos conseguissem chegar perto o suficiente para acertá-las (Doratioto, 2002).

É evidenciado, em “Narración”, Roibon (1913) que a Batalha de Corrientes ocorreu meses antes da Batalha do Riachuelo. Percebe-se que nos escritos alguns dos navios, como o argentino “25 de mayo” conquistado nessa batalha, o “Tacuarí”, o “Marqués de Olinda” e o “Iporá” da frota paraguaia, foram usados em ambas as batalhas. Assim, o texto nos comprova que os navios do Paraguai tinham cascos de madeira, com exceção das embarcações trazidas da Inglaterra ou conquistadas em batalhas anteriores como nos escritos de Doratioto (Roibon, 1913).

Batalha do Riachuelo

Contexto histórico

Durante o século XIX, o espaço platino consolidou-se como uma das regiões mais instáveis da América do Sul, resultado das disputas políticas e econômicas entre os recém-formados Estados Nacionais. Assim, Jeremyas Silva entende que a região pode ser compreendida como um verdadeiro “barril de pólvora”, em razão das rivalidades entre unitários e federalistas na Argentina, *colorados* e *blancos* no Uruguai e conservadores e liberais no Brasil, somadas à interferência europeia e aos interesses comerciais internacionais (Silva, 2023). Nesse cenário, o Império do Brasil buscava assegurar sua influência regional e garantir a livre navegação nos rios do Prata, essenciais para o comércio e para o acesso às províncias do interior.

Nesse cenário, o Paraguai - sob o governo de Carlos Antonio López (1844-1862), e, posteriormente, de seu filho Francisco Solano López -, passou por um processo de

centralização e modernização econômica, fortalecendo o Exército e a infraestrutura nacional. Nesse sentido, Francisco Doratioto destaca que essa modernização foi acompanhada pela tentativa paraguaia de obter uma inserção política ativa no sistema regional, até então dominado por Brasil e Argentina (Doratioto, 2002). Desse modo, a busca de Solano López por acesso ao mar e por maior autonomia na navegação dos rios platinos colocou o país em rota de colisão com os vizinhos, que interpretaram essa movimentação como ameaça direta aos seus interesses estratégicos.

Vale ressaltar que o Brasil, por sua vez, atuava na região como principal potência monárquica sul-americana, empenhada em preservar seu prestígio e assegurar o trânsito livre de mercadorias rumo ao interior. Já a Argentina, dividida entre unitários e federalistas, buscava consolidar sua autoridade nacional e retomar o controle sobre *Corrientes* e *Entre Ríos*, áreas disputadas desde o período colonial. O Uruguai, recém-saído de guerras civis, representava o ponto de tensão que acendeu o conflito: o apoio direto brasileiro aos *colorados*, liderados por Venâncio Flores, contra os *blancos*, aliados de Solano López, provocou uma reação paraguaia imediata (Silva, 2023). Percebe-se, então, que os diferentes projetos políticos e econômicos desses países convergiram para uma disputa inevitável pelo controle do Prata.

Em resposta à intervenção brasileira no Uruguai, Solano López ordenou que invadissem a província de Mato Grosso, no Brasil, em 1864, e, posteriormente, da província argentina de *Corrientes*, em abril de 1865, com o objetivo de bloquear o avanço imperial e garantir a passagem até o território uruguaio. Como consequência dessas ofensivas, Brasil, Argentina e Uruguai firmaram o Tratado da Tríplice Aliança, em 1º de maio de 1865, unindo forças contra o Paraguai (Doratioto, 2002). A partir desse momento, a tensão política deu lugar ao confronto direto, e a disputa pelo domínio dos rios Paraná e Paraguai tornou-se central - contexto que levaria, semanas depois, à Batalha do Riachuelo, marco inicial da supremacia naval brasileira no conflito.

Batalha do Riachuelo

Seguido das invasões às províncias e de um conflito armado na província de São Borja, a Batalha Naval do Riachuelo ocorreu em 11 de junho de 1865, marcando um ponto de virada na Guerra da Tríplice Aliança e consolidando a supremacia naval brasileira na região do Prata. Assim sendo, o confronto ocorreu nas proximidades do arroio Riachuelo, afluente do Rio Paraná, quando a esquadra paraguaia, comandada por Pedro Ignacio Meza, tentou surpreender as forças imperiais lideradas pelo Almirante Francisco Manuel Barroso. Para o Vice-Almirante Bittencourt, o embate marcou o ápice da modernização naval do Império, ao empregar encouraçados e canhoneiras a vapor - frutos diretos do avanço técnico do arsenal brasileiro desde a década de 1840 (Bittencourt, 2009).

A Marinha Paraguaia, por sua vez, apoiava-se em embarcações de construção inglesa, como o *Tacuary* e o *Paraguarí*, além de pequenas chatas armadas (Doratioto, 2002). Essas embarcações, embora limitadas, representavam o esforço de modernização empreendido por Carlos Antonio López e continuado por Solano López, refletindo o desejo paraguaio de assegurar autonomia frente ao poderio naval brasileiro e argentino. Entretanto, como apontam os relatos da época, o conhecimento tático e o domínio técnico dos oficiais brasileiros se mostraram determinantes para o desfecho da batalha (Almeida, 2014).

Ademais, o relato do então Primeiro-Tenente Antônio Luiz von Hoonholtz, na época comandante da canhoneira *Araguary* e futuro Barão de Teffé, oferece um testemunho vívido do combate. Em carta escrita à família dias após o evento, ele descreve: “Realizou-se o sonho que eu sempre afagara em minha mente; já não cinjo uma espada virgem; o batismo de fogo consagrou-me homem de guerra” (Teffé, 1865, p.10). Sua narrativa, assim, ressalta a intensidade do conflito e a superioridade das manobras brasileiras, especialmente após a investida decisiva do Amazonas, navio-chefe de Barroso, que “metendo a pique o vapor de guerra paraguaio *Jejuy*” (Teffé, 1865, p. 41), garantiu a virada a favor da esquadra imperial.

Durante a batalha, a estratégia de Barroso foi essencial: ao reorganizar suas forças e utilizar o poder de fogo das canhoneiras, rompeu o bloqueio paraguaio e neutralizou suas chatas flutuantes. Nesse sentido, Bittencourt observa que o êxito brasileiro foi resultado direto da estrutura técnica e administrativa da Marinha - modernizada desde o Segundo Reinado - e da capacidade de comando de seus oficiais (Bittencourt, 2009). Ao final do combate, a vitória brasileira consolidou o domínio sobre o rio Paraná, assegurando as linhas de suprimento e a comunicação das forças aliadas, o que enfraqueceu drasticamente a capacidade ofensiva paraguaia.

Embora o testemunho de Teffé enfatize a dimensão individual do combate, destacando coragem, honra e destreza pessoal como fatores decisivos, a historiografia posterior tem relativizado essa interpretação. Autores como Bittencourt (2009) argumentam que o resultado da Batalha do Riachuelo não pode ser compreendido apenas à luz do heroísmo dos oficiais, mas deve ser também analisado a partir de fatores estruturais, como o processo de modernização naval do Império, a organização institucional da Marinha brasileira e sua capacidade logística e industrial superior. Nessa perspectiva, a vitória não teria sido fruto apenas de iniciativas individuais, mas principalmente da expressão de uma assimetria estrutural consolidada ao longo das décadas anteriores ao conflito.

Ainda, destaca-se que o impacto do feito, ao partir os navios paraguaios ao meio, foi tanto simbólico quanto estratégico - assim, Almeida afirma que a vitória no Riachuelo "reafirmou o papel do Brasil como potência naval regional" e projetou o prestígio da Armada perante o Império e o continente (Almeida, 2014). Em carta, Teffé registrou a magnitude da destruição e o sentimento patriótico que dominava a população: "Os tambores rufam, os clarins soavam clangorosos em toda a esquadra [...] o Brasil esperava que cada um cumprisse o seu dever" (Teffé, 1865, p. 32). Assim, a Batalha do Riachuelo não apenas assegurou o controle fluvial, mas também definiu o curso posterior da guerra, preparando o terreno para a ofensiva terrestre aliada e para os eventos que levaram à passagem de Humaitá.

Guerra das Posições

Com o início da chamada Guerra das Posições, após a vitória brasileira na Batalha do Riachuelo, a Tríplice Aliança acreditava que haveria uma nova vitória rápida e decisiva para o fim do conflito. Porém, a resistência paraguaia, aliada a geografia do país, fez com que o conflito se estendesse durante quase dois anos, tendo como ponto de virada a Batalha de Tuiuti em maio de 1866 (Doratioto, 2002).

O exército brasileiro e argentino instalam-se em Tuiuti, tendo o local como nova base de operações em solo paraguaio. Uma vez que estava em uma posição estratégica dentre os quatro fortes, Itapiru que foi tomada logo após a invasão da Aliança, Curuzu abandonado pelas forças paraguaias devido a sua fraqueza, Curupaiti e Humaitá os quais dominavam o caminho fluvial até Assunção foram palcos de batalhas. Todavia, a Batalha de Tuiuti começou como uma vergonha para os Aliados, já que os mesmos foram encurralados pelo exército inimigo e bombardeados, causando diversas perdas, e durante dois anos ficaram presos no cerco de López. Nesse sentido, por um erro tático por parte do Paraguai e negligência de Solano López a batalha tem seu fim com a vitória dos Aliados (Caldas, 2022).

Diante desse cenário de perdas, Caxias, comandante-chefe das tropas da Tríplice Aliança, implementa uma manobra de flanco e cerco. Assim, ele contorna o lado esquerdo das forças paraguaias em Humaitá, atacando-os pela retaguarda, e meses após isso a manobra tem seu fim com uma flotilha de embarcações brasileiras cruzando a passagem naval de Humaitá sob o fogo dos canhões paraguaios. Isso culmina no corte da principal artéria que ligava logisticamente o Rio Paraguai com fortaleza, fazendo com que as forças paraguaias sucumbissem à estratégia de Caxias (Doratioto, 2002).

Portanto, o período da Guerra de Posições evidencia ainda mais o que ficou claro na Batalha do Riachuelo: as frotas marinhas paraguaias demonstraram inferioridade frente à marinha brasileira, mesmo com os esforços de modernização de López. De

modo que até jornais brasileiros da época, como a *Semana Ilustrada*, retrataram a façanha brasileira frente aos paraguaios na Batalha de Riachuelo, se tornando um marco de vitória e orgulho para as nações da Aliança (*Semana Ilustrada*, 1865).

RESULTADOS

Resultado da Guerra do Paraguai

Com a passagem de Humaitá e o rompimento da principal linha de defesa fluvial do Paraguai, o conflito entrou em sua fase derradeira. A tomada de Assunção, em 1º de janeiro de 1869, representou uma vitória estratégica para a Tríplice Aliança, embora não o fim imediato da guerra. Assim, conforme Doratioto, “Assunção, deserta, foi ocupada pelas tropas brasileiras” (Doratioto, 2002, p. 383) e, já nesse mês, o marechal Caxias retirou-se do comando, seguido pela cúpula militar, revelando o desgaste e o cansaço das forças imperiais diante de uma campanha prolongada e brutal.

A partir de 1869, sob a liderança do Conde d’Eu, o exército brasileiro empreendeu a perseguição final a Solano López, enfrentando um inimigo já fragmentado e sem recursos humanos ou materiais. Nesse contexto, Doratioto descreve o período como marcado por uma “resistência suicida”, em que o ditador paraguaio, movido por voluntarismo e orgulho, persistiu em lançar ao combate tropas compostas por velhos e crianças (Doratioto, 2002). Desse modo, o prolongamento do conflito transformou-se em uma tragédia humanitária: batalhas como a de Acosta-Ñu tornaram-se símbolos da devastação total, sendo, nas palavras do autor, “um banho de sangue” alimentado pela obstinação de López e pela exaustão dos soldados brasileiros (Doratioto, 2002).

O colapso militar do Paraguai foi acompanhado por um cenário de fome, doenças e desorganização social. Nas marchas finais, as tropas aliadas “deparavam-se com mulheres magras e macilentas, vestindo trapos, às vezes portando brincos e anéis de ouro” (Doratioto, 2002), sinal de que até a elite paraguaia havia sido arrasada pela miséria da guerra. Os próprios exércitos aliados sofriam com a

escassez de suprimentos e com a miséria da guerra, sendo comum o registro de roubos e consequentes castigos exemplares - inclusive fuzilamentos - entre soldados argentinos e brasileiros (Doratioto, 2002). Mesmo diante desse cenário de caos, o Conde d'Eu manteve a ofensiva, perseguindo Solano López pelas matas paraguaias até o esgotamento completo de suas forças.

O desfecho ocorreu em 1º de março de 1870, em Cerro Corá, quando o ditador foi alcançado e morto após recusar a rendição, proclamando que “morria com a espada e pela pátria” - vale destacar que a identificação de López foi facilitada pelo contraste físico entre ele e seus soldados, onde “era o único homem gordo em um Exército de esqueletos”, o que tornou impossível sua fuga durante o cerco final (Doratioto, 2002, p. 451). Assim, entende-se que a morte de Solano López simbolizou o fim formal da Guerra do Paraguai, mas não o encerramento de suas consequências, visto que estimativas revisionistas indicam que o país perdeu mais de 70% de sua população, sendo que “a mortandade masculina teria atingido cerca de 99%” (Doratioto, 2002, p. 456), enquanto o Brasil contabilizou aproximadamente 50 mil mortos (Doratioto, 2002). Portanto, o resultado foi a aniquilação do Paraguai como potência regional e a consolidação da hegemonia político-militar do Brasil na Bacia do Prata.

Teoria do Realismo Ofensivo

Em seu livro “A Tragédia da Política das Grandes Potências”, Mearsheimer desenvolve a teoria do realismo ofensivo, a qual tem como principais premissas entender que o sistema é anárquico, ou seja não há uma autoridade central que garanta a segurança e por isso todos os Estados possuem menor ou maior escala capacidade ofensiva militar. Sob esse viés, esses fatores geram incertezas das intenções dos demais Estados, fazendo com que a estratégia adotada por eles seja a da autopreservação, buscando estratégias lógicas para maximizar seu poder e assim garantir a segurança (Mearsheimer, 2007).

Nesse sentido, no realismo ofensivo de Mearsheimer nenhum Estado consegue dominar o globo, mas é possível aspirar à hegemonia da região a qual pertence. Isso

se conecta diretamente com a questão da Guerra do Paraguai, uma vez que o Brasil, o Paraguai e a Argentina competiam pela dominância do Prata, que continha rios estratégicos de escoamento de mercadorias e garantiria a hegemonia regional na época. Simultaneamente, a teoria evidencia que quando um Estado cresce demais em relação aos outros os demais se unem em coalizão para contê-lo, o que pode novamente ser elucidado com a Tríplice Aliança, aliança essa que segundo Doratioto:

A aliança contra o Paraguai era parte de uma aliança maior, planejada por Mitre antes desses ataques, pela qual Argentina e Brasil estabeleceram uma política de cooperação no Prata, exercendo uma hegemonia compartilhada em substituição às rivalidades e disputas que predominaram nas relações entre os dois países (Doratioto, 2002, p.156).

Por fim, o poder militar, e nesse caso em específico o poder naval, é central para a projeção e preservação do status quo, sendo a capacidade de controlar as hidrovias o principal instrumento estratégico na disputa. Assim, a tentativa de um pequeno Estado como o Paraguai de garantir sua segurança provoca a reação brasileira e leva ao seu aprimoramento tecnológico naval, para assim possam buscar mais poder (Doratioto, 2002).

CONCLUSÕES

A partir da análise das fontes primárias e secundárias consultadas, verificou-se que a modernização da Marinha Brasileira foi um fator decisivo para o desfecho da Guerra do Paraguai, especialmente a partir da Batalha Naval do Riachuelo (1865). A aplicação do método indutivo permitiu, por meio da observação das batalhas, da comparação das frotas e da generalização dos resultados, compreender a influência direta do avanço tecnológico e da organização administrativa sobre o êxito militar da Tríplice Aliança. Assim, a introdução do casco de ferro, da propulsão a vapor e de uma estrutura de comando centralizada assegurou à Marinha Brasileira uma superioridade estratégica incontestável frente à frota paraguaia.

Os relatos de época, como a carta do Barão de Teffé, aliados às análises de Doratioto (2002), Bittencourt (2009), Almeida (2014) e Paolini & Rojas (2020), indicam que a vitória naval consolidou o domínio brasileiro sobre as hidrovias platinas e garantiu o abastecimento e a mobilidade das tropas aliadas. Desse modo, a supremacia técnica e tática da esquadra imperial foi determinante não apenas para conter as forças paraguaias, mas também para permitir o avanço posterior das tropas terrestres até Assunção. Portanto, confirma-se a hipótese de que os avanços tecnológicos e estruturais da Marinha Brasileira modificaram substancialmente os rumos da guerra, alinhando-se com a teoria de Mearsheimer a maximização do poder tornou possível o triunfo da Tríplice Aliança.

Não obstante, a historiografia selecionada não concorda totalmente quanto ao fator principal para o resultado final da Guerra, com a vitória da Tríplice Aliança. Enquanto parte das análises destaca os avanços tecnológicos incorporados pela Marinha Imperial ao longo das décadas anteriores ao conflito, autores como Bittencourt (2009) atribuem maior centralidade à organização institucional, à disciplina e à capacidade de coordenação estratégica da esquadra brasileira. Nessa perspectiva, a superioridade imperial não decorreria exclusivamente da incorporação de meios materiais mais modernos, mas da capacidade de integrá-los a uma estrutura de comando eficiente e a uma doutrina operacional consolidada. Sob a lente do realismo ofensivo, a separação entre avanços tecnológicos e organização institucional é entendida como de extrema relevância. Nesse contexto, para Mearsheimer (2007), o poder militar efetivo não se limita à posse de recursos tecnológicos isolados, mas depende da capacidade estatal de convertê-los em vantagem estratégica concreta. Assim, tecnologia e organização apresentam-se como fatores complementares: os avanços materiais forneceram os meios, enquanto a estrutura institucional e a coordenação operacional possibilitaram sua aplicação eficaz nas operações. A vitória no Riachuelo pode, portanto, ser interpretada como expressão dessa convergência entre modernização material e capacidade organizacional, reforçando a posição brasileira no equilíbrio regional do Prata.

A guerra, contudo, revelou também o custo humano e material dessa superioridade - o esgotamento do Paraguai e o elevado número de vítimas civis e militares torna evidente que o poder bélico, embora eficaz na vitória, implicou em um desequilíbrio social e demográfico duradouro. Ainda assim, sob a ótica do realismo ofensivo, o domínio naval brasileiro reafirma o princípio de que o poder militar constitui o principal instrumento de segurança e projeção estatal em um sistema internacional anárquico. Infere-se, portanto, que a Batalha do Riachuelo representou muito mais que um marco militar: foi a expressão concreta de como a modernização tecnológica pode redefinir os limites entre força e sobrevivência em um conflito interestatal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Pessanha. **A Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha**. Memória da Administração Pública Brasileira, Cadernos MAPA N°8, 2014.

ARMADA PARAGUAYA. **Historia**. Hernandarias: Armada Paraguaya, 2025. Disponível em: <https://armadaparaguaya.mil.py/historia/>. Acesso em: 22 de Set. 2025.

BITTENCOURT, Armando de Senna. A Evolução da Engenharia Naval no Brasil. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p. 69-84, 2009.

CALDAS, Luís Antônio Mançano Portella. **A ARTE OPERACIONAL DE CAXIAS NA CAMPANHA EM HUMAITÁ (1866-1868)**: uma análise à luz da teoria de Milan Vego. 2022, Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/CEMOS_110_DIS_CC_MAN%C3%87ANO.pdf . Acesso em: 7 de Out. de 2025.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEARSHEIMER, John. **A Tragédia da Política das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Editora Gradiva, 2007.

PAOLINI, Jaime Henrique Grau; ROJAS, Eduardo Hirohito Nakayama. Últimas operações fluviais: O fim da antiga Marinha Paraguaia. **Revista Navigator**: Rio de Janeiro, v.16, n.31, 2020.

ROIBON, Henrique. **Narración**. Corrientes: Establecimiento tipográfico B. Fages, 1913.

SILVA, Jeremyas Machado. **A fronteira platina**: história e narrativa da Guerra da Tríplice Aliança na obra de Efraím Cardozo "Hace 100 años: Crónicas de la Guerra de 1864-1870". 1 ed. Passo Fundo: Acervus Editora, 2023.

SIQUEIRA, André Cezar. Batalha Naval do Riachuelo: 150 anos de uma vitoriosa Operação Conjunta da Marinha e do Exército do Brasil. **Revista Navigator**: Rio de Janeiro, v.11, n.21, 2015.

TEFFÉ, Antonio Luis von Hoonholz, Barão de. [Correspondência]. Destinatário: Frederico José von Hoonholtz. Rio de Janeiro. 22 jun. 1865. 1 cartão pessoal.

TEFFÉ, Antonio Luis von Hoonholz, Barão de. Episódios do dia 11 de Junho de 1865. **Semana Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 00247, 1865.

VON HOONHOLTZ, Antonio Luiz. **Episódios do dia 11 de Junho de 1865**. Semana Ilustrada, Rio de Janeiro, n. 00247, 1865.

Autoria

1 Gabriela Graef Kuhn

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0000-1771-4147> • gabriela.graef@acad.ufsm.br

2 Luana Jung Bressan

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0003-0209-9024> • luana.bressan@acad.ufsm.br

Como citar este artigo

KUHN, G. G.; BRESSAN, L. J. Entre ferros e madeiras: modernização da Marinha Brasileira na Batalha do Riachuelo (1865). **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e96377, p. 1-18, jun. 2026. DOI 10.5902/1980509896377. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797596377>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Artigo da XIII SARI

XIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI)

A XIII SARI foi organizada pelo Diretório Acadêmico de Relações Internacionais, ocorreu entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria, reunindo estudantes, pesquisadores e especialistas em torno de uma programação diversificada. O evento contou com palestras que abordaram temas relevantes e contemporâneos, como crime organizado, conflitos internacionais, direitos humanos, tecnologias emergentes, guerra cibernética, construção da paz e questões relacionadas à Amazônia e ao meio ambiente, entre outros.

Alinhada ao tripé fundamental das instituições de ensino superior - ensino, pesquisa e extensão -, a XIII SARI reafirma a importância da universidade como espaço de produção e democratização do conhecimento científico, além de contribuir para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos(as/es) estudantes. Em uma dimensão mais ampla, o evento reflete o papel social da universidade; em uma perspectiva mais específica, destaca-se por ampliar o repertório dos discentes e apresentar a diversidade temática presente no campo das Relações Internacionais, especialmente para aqueles que estão em início de curso.

Nesse sentido, a temática abrangente da XIII SARI permitiu não apenas a introdução dos estudantes a diferentes áreas de estudo, mas também a valorização de temas ainda pouco explorados na grade da UFSM, por meio da participação de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Além disso, o evento se destacou por incentivar o protagonismo estudantil, uma vez que foi organizado por estudantes e voltado para estudantes, promovendo tanto a participação ativa quanto o engajamento crítico.

Como marco importante desta edição, destaca-se a retomada dos painéis temáticos com apresentação de trabalhos acadêmicos dos próprios alunos - prática que não ocorria há cerca de dez anos -, acompanhada da previsão de publicação em anais do evento, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais - Ana Lélia (NEPRI/UFSM). Essa iniciativa reforça o compromisso da SARI com a produção científica e com a valorização das vozes estudantis dentro da universidade.

